

---

## Comentários gerais

A publicação da Pesquisa Anual de Comércio - PAC tem como objetivo divulgar os resultados sobre a estrutura produtiva do segmento empresarial do comércio no Brasil. A atividade comercial é importante no que diz respeito à geração de valor, emprego e renda na economia e contribui em grande medida na composição do Produto Interno Bruto. Os resultados da pesquisa representam uma importante fonte de dados para a análise setorial e compreensão do funcionamento do mercado formal pelo lado da oferta.

As empresas pertencentes ao âmbito da PAC<sup>3</sup> têm como principal atividade a revenda de mercadorias e estão classificadas na seção G da Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE 1.0. Esta seção apresenta três grandes divisões para a atividade comercial:

- comércio de veículos automotores, peças e motocicletas;
- comércio por atacado; e
- comércio varejista.

As empresas do comércio por atacado caracterizam-se pela revenda de mercadorias a varejistas, a empresas, a estabelecimentos agropecuários, a cooperativas e a uma clientela institucional, operando com um grande volume de vendas. O comércio por atacado é composto por empresas de porte elevado, tanto em termos de pessoal ocupado quanto de geração de valor. O varejo compõe-se de um número elevado de estabelecimentos, a maioria de pequeno porte, cujas vendas são destinadas ao consumidor final.

---

<sup>3</sup> O âmbito de atividades da PAC está descrito com maior detalhamento nas Notas Técnicas desta publicação.

O comércio de veículos e peças é tratado isoladamente, pois as empresas que o compõem podem exercer simultaneamente atividades de atacado e varejo e podem também ofertar serviços. Os produtos comercializados pelas empresas que revendem veículos apresentam características peculiares: bens duráveis cujo valor unitário é elevado.

Os resultados da PAC são tabulados e analisados para o conjunto da atividade comercial e para o conjunto de empresas com 20 pessoas ocupadas ou mais, que compõe o estrato certo<sup>4</sup> da pesquisa. O estrato certo, embora contenha um número limitado de empresas, dispõe de informações mais detalhadas em relação às variáveis investigadas e em relação a possibilidade de desagregação das atividades.

Em 2006 a PAC estimou, no Brasil, 1 584 mil estabelecimentos exercendo a atividade de revenda de mercadorias, pertencentes a 1 510 mil empresas comerciais, e que, em conjunto, geraram cerca de R\$ 1,1 trilhão de receita operacional líquida. O número de pessoas ocupadas no comércio totalizou 7 600 mil e o valor pago em salários, retiradas e outras remunerações atingiu R\$ 61,6 bilhões.

O estrato certo, composto por 38 mil empresas (2,5% do total), obteve R\$ 763,8 bilhões de receita operacional líquida, 71,9% do total. Em 31.12.2006, 2 787 mil pessoas estavam ocupadas nas empresas pertencentes a este estrato, correspondendo a 36,7% do total do comércio. Foram pagos em salários, retiradas e outras remunerações R\$ 30,9 bilhões pelas empresas do estrato certo, representando 50,2% da PAC.

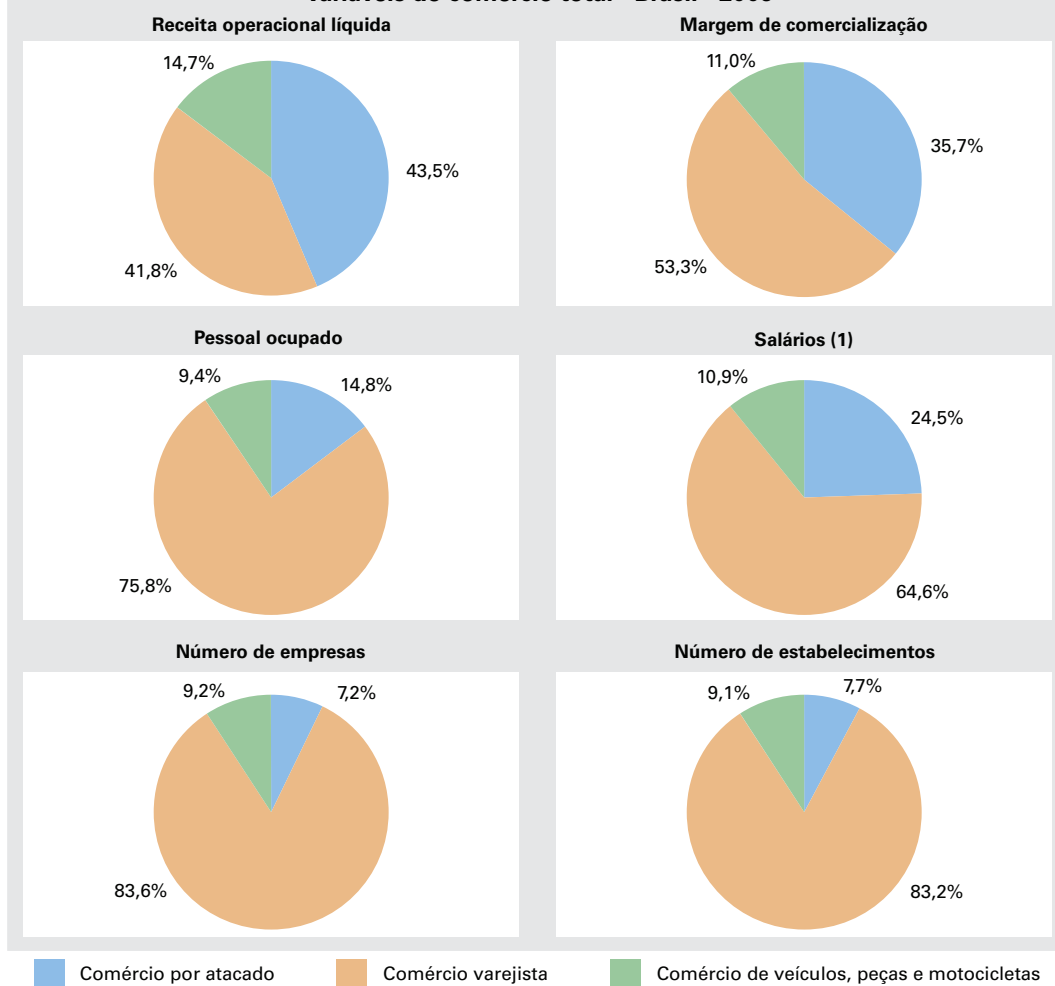
Os três segmentos que compõem a PAC – comércio de veículos e peças, comércio por atacado e comércio varejista, que inclui a venda de combustíveis – serão analisados separadamente possibilitando melhor entendimento da estrutura da atividade comercial brasileira.

Entre os anos 2005 e 2006 não houve mudanças estruturais na atividade de comércio no Brasil, como mostra a Tabela de Resultados 1. O comércio por atacado permaneceu com a maior parcela da receita operacional líquida. O comércio varejista foi o segmento com maior participação no número de empresas, número de estabelecimentos, pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações, em ambos os anos.

Em 2006, o comércio varejista era composto por 1,3 milhão de empresas, representando 83,6% do total das empresas comerciais no Brasil. Aproximadamente 5 760 mil pessoas estavam ocupadas nas empresas comerciais varejistas, em 31.12.2006, equivalendo a 75,8% do total. Em relação aos salários, retiradas e outras remunerações, este comércio despendeu R\$ 39,8 bilhões, 64,6% do total (Gráfico 1).

<sup>4</sup> Conceito apresentado detalhadamente nas Notas Técnicas desta publicação.

**Gráfico 1 - Participação dos segmentos do comércio nas principais variáveis do comércio total - Brasil - 2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Inclusive as retiradas e outras remunerações.

De acordo com o Gráfico 1, a receita operacional líquida gerada pelas empresas do comércio varejista, em 2006, somou R\$ 443,9 bilhões, 41,8% do total. O comércio varejista também mostrou-se importante em relação à margem de comercialização<sup>5</sup>. Em 2006, o resultado foi R\$ 109,5 bilhões, 53,3% da margem total. A taxa de margem de comercialização<sup>6</sup> do varejo, 33,2%, foi a maior dentre os segmentos do comércio (Tabela 4 de Resultados). Este comércio, a partir de um volume de vendas por empresa reduzido, *vis-à-vis* ao comércio por atacado, e comercializando bens de menor custo unitário<sup>7</sup>, em relação ao comércio de veículos, peças e motocicletas foi capaz de auferir um maior retorno por cada unidade monetária de produto vendida.

<sup>5</sup> Margem de comercialização corresponde à diferença entre a receita líquida de revenda e o custo das mercadorias revendidas. Refere-se ao resultado obtido pelo esforço de venda de mercadorias deduzidos de seus custos de aquisição pelas empresas.

<sup>6</sup> Taxa de margem de comercialização corresponde à divisão da margem de comercialização pelo custo da mercadoria revendida.

<sup>7</sup> De acordo com a Tabela 4 de Resultados, a taxa de margem de comercialização foi maior em atividades cujo custo unitário da mercadoria vendida é baixo. As atividades com maiores taxas de margem de comercialização, em 2006, foram Comércio varejista de artigos usado (117,3%), Comércio varejista de artigos de vestuário e complementos (74,8%), Comércio varejista de calçados, artigos de couro e viagem (70,1%) e Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria (65,7%).

O comércio por atacado gerou, em 2006, R\$ 462,0 bilhões em receita operacional líquida e reuniu 109 000 empresas, respondendo por 43,5% e 7,2% do total, respectivamente. Em 31.12.2006, 1 128 mil pessoas estavam ocupadas nas empresas atacadistas, 14,8% do total. Os salários, retiradas e outras remunerações pagos no comércio atacadista, R\$ 15,1 bilhões, responderam por 24,5% da atividade comercial. A margem de comercialização deste comércio atingiu R\$ 73,4 bilhões, 35,7% do total.

As 138 237 empresas do comércio de veículos, peças e motocicletas (9,2% do total) geraram R\$ 156,1 bilhões em receita operacional líquida, 14,7% do total. Este segmento pagou R\$ 6,7 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações (10,9% do total) e ocupou 711,7 mil pessoas (9,4% do total). A margem de comercialização das empresas revendedoras de automóveis, peças e motocicletas, R\$ 22,5 bilhões (11,0% do total), foi a menor do comércio.

De acordo com a Tabela de Resultados 2, as empresas na faixa de até 19 pessoas ocupadas aumentaram sua participação na receita operacional líquida de 28,6%, em 2005, para 29,9%, em 2006. Por outro lado, as empresas na faixa de 500 e mais pessoas ocupadas diminuíram sua participação de 29,9%, em 2000, para 29,2%, em 2006. Com isso, em 2006, as empresas da primeira faixa de pessoal ocupado passaram a ser predominantes na geração de receita.

Na faixa de até 19 pessoas ocupadas, estavam concentradas, em 2005 e 2006, a maior parcela dos salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado, número de estabelecimentos e número de empresas, ressaltando a importância econômica das empresas de menor porte no comércio.

As empresas com até 19 pessoas ocupadas (97,7% do total) geraram R\$ 317,3 bilhões (29,9% do total) de receita operacional líquida. No outro extremo, as empresas na faixa de 500 ou mais pessoas ocupadas (0,03% do total), foram responsáveis por 29,2% (R\$ 309,9 bilhões) da receita operacional líquida total.

A estrutura das empresas, por faixa de pessoal ocupado, diferiu nos três segmentos do comércio. No comércio varejista, predominavam as empresas de menor porte, de até 19 pessoas ocupadas. Estas empresas de menor porte representavam 98,3% do total do varejo, 68,7% do total de pessoal ocupado, 55,9% dos salários, retiradas e outras remunerações e 45,9% da receita operacional líquida. As empresas da faixa de 500 e mais pessoas ocupadas, embora tenham tido uma participação pequena no total do número de empresas (0,03%), mostraram-se importantes no pagamento de salários, retiradas e outras remunerações (23,7%) e na geração de receita operacional líquida (29,4%).

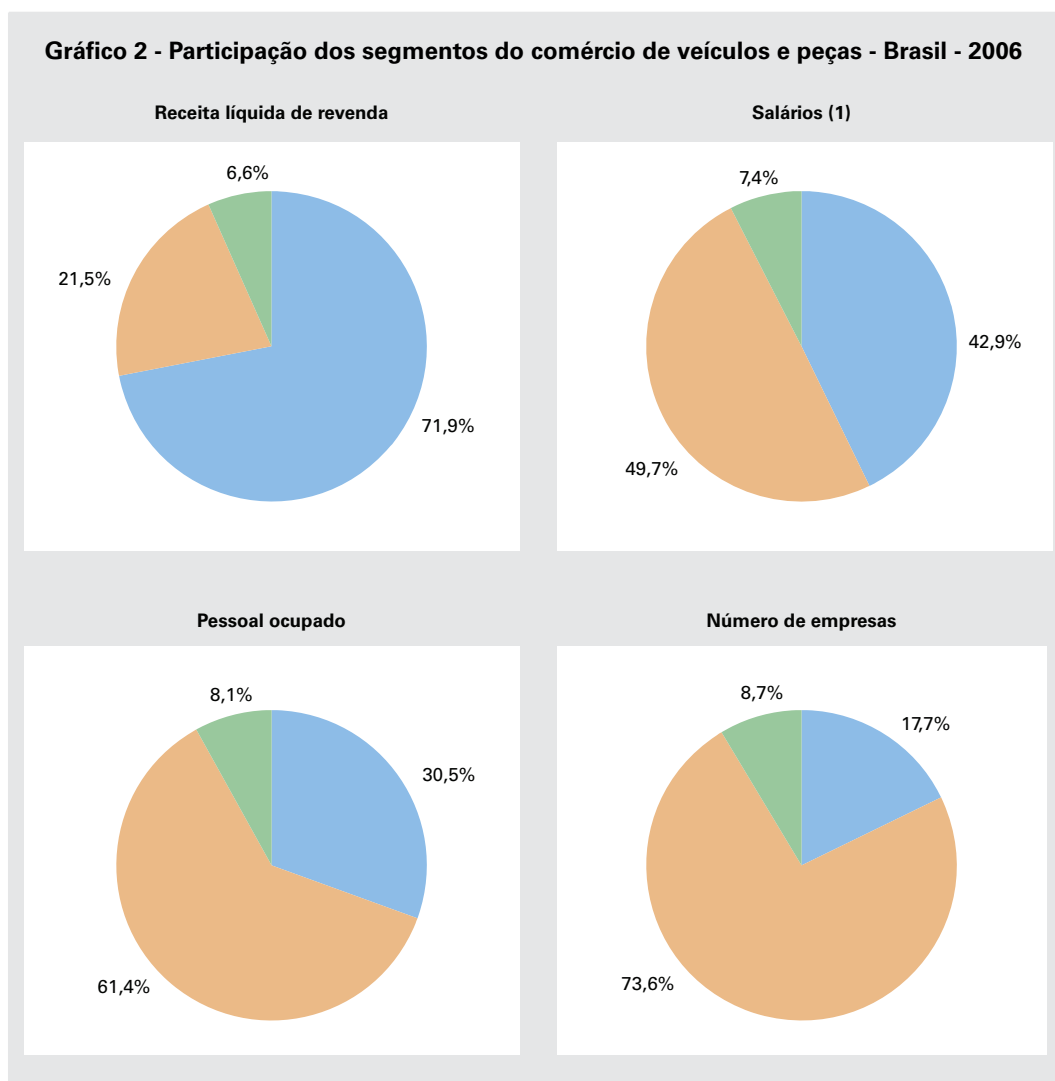
No comércio por atacado, as empresas na primeira faixa de pessoal ocupado predominaram em relação ao número de empresas (91,6%) e pessoal ocupado (37,7%). Por outro lado, as empresas na faixa de 500 e mais empregados, 0,1% do total, tiveram a maior participação na geração de receita operacional líquida (37,3%) e no pagamento de salários, retiradas e outras remunerações (24,8%).

As empresas de menor porte, que ocupavam até 19 pessoas, do comércio de veículos, peças e motocicletas obtiveram 97,1% do número de empresas, 62,7% do pessoal ocupado, 41,5% dos salários, retiradas e outras remunerações e 25,9% da receita operacional líquida total. Esta atividade distingue-se das demais devido a maior parcela da receita operacional líquida, 69,3%, estar concentrada nas empresas das faixas intermediárias de pessoal ocupado (20 a 499 pessoas).

## Principais segmentos e classes de atividades do setor comercial empresarial em 2006

### Comércio de veículos, peças e motocicletas

A atividade de vendas de veículos automotores, com uma receita líquida de revenda de R\$ 108,6 bilhões (Tabela de Resultados 4), respondeu por 71,9% do total. O comércio de peças para veículos deteve 21,5% da receita de revenda, enquanto o comércio de motocicletas, peças e acessórios gerou 6,6% (Gráfico 2).



■ Veículos automotores   ■ Peças para veículos   ■ Motocicletas, peças e acessórios

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Inclusive as retiradas e outras remunerações.

Em relação ao total de pessoas ocupadas, pagamento de salários e número de empresas destacou-se a atividade de vendas de peças para veículos. Esta atividade ocupou 437,2 mil pessoas, 61,4% do total, e pagou R\$ 3,3 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações, 49,7% do total. O total de empresas que comercializavam peças para veículos foi de 101,8 mil, 73,6% do total (Gráfico 2).

A Tabela 1 traduz em alguns indicadores o perfil das atividades que compõem o comércio de veículos e peças. A atividade de comercialização de veículos automotores obteve a maior média de pessoal ocupado por empresa, 9, contra a média de 5 para o total do segmento. Em termos de produtividade<sup>8</sup> e salário médio, a atividade também apresentou resultados acima da média do segmento. Cada trabalhador agregou, em média, R\$ 45 015 ao valor adicionado<sup>9</sup> do comércio de veículos automotores e recebeu, em média, 3,0 salários mínimos mensais, contra uma média total de R\$ 28 754 para a produtividade e 2,2 salários mínimos mensais para o salário médio. A taxa de margem de comercialização desta atividade, 11,1%, ficou abaixo da média do segmento, 17,5%.

**Tabela 1 - Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo segmentos do comércio de veículos, peças e motocicletas - Brasil - 2006**

Segmentos do comércio de veículos, peças e motocicletas	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>2,2</b>	<b>28 754</b>	<b>17,5</b>
Veículos automotores	9	3,0	45 015	11,1
Peças para veículos	4	1,7	20 926	42,5
Motocicletas, peças e acessórios	5	2,0	26 907	24,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 4 400. (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado. (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo das mercadorias vendidas.

O comércio de peças para veículos exibiu a maior taxa de margem de comercialização, 42,5%, indicando que as empresas desta atividade obtiveram um maior retorno por cada unidade monetária de mercadoria revendida.

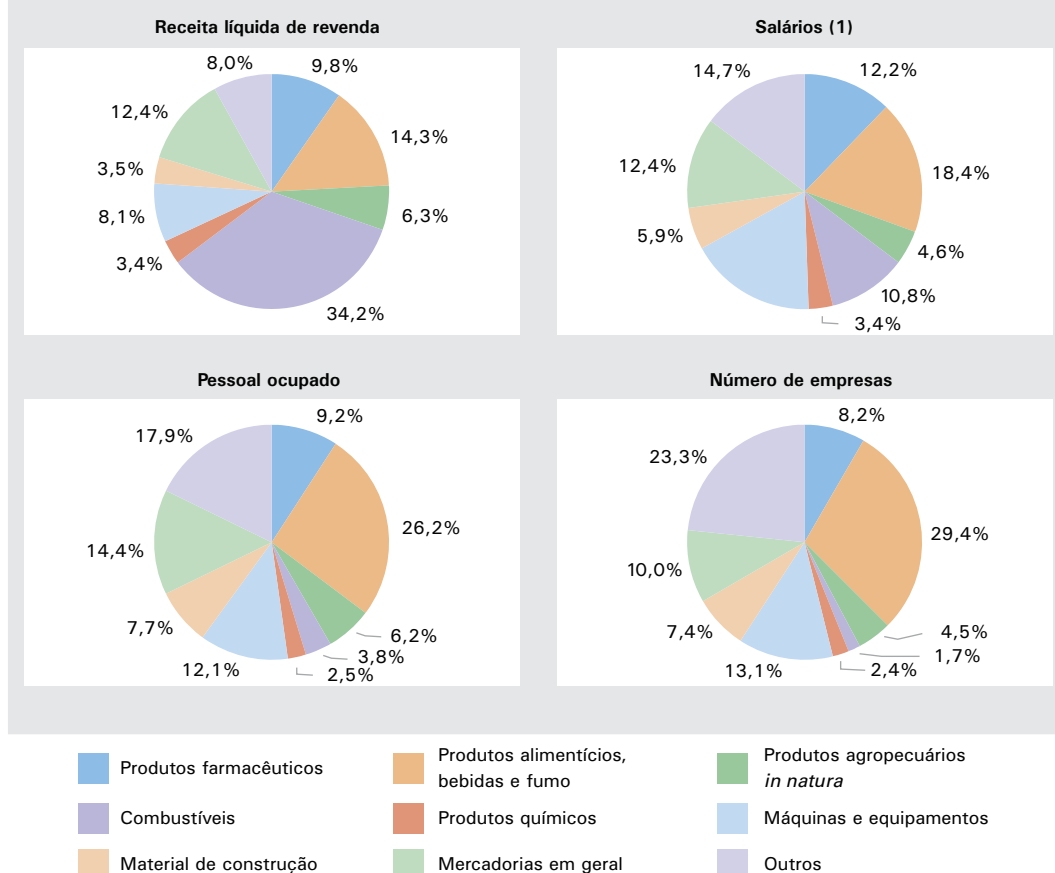
## Comércio por atacado

Dentre as atividades atacadistas, em 2006, o comércio de combustíveis e lubrificantes destacou-se na geração de receita líquida de revenda, R\$ 152,7 bilhões, representando 34,2% do total. A elevação dos preços dos derivados do petróleo nos últimos anos contribuiu para o desempenho destas empresas. Esta atividade reuniu um número pequeno de empresas (1870), 1,7% do total, e ocupou um pequeno contingente de pessoas (43 399), 3,8% do total, conforme Gráfico 3.

<sup>8</sup>Valores calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado.

<sup>9</sup>Valor adicionado corresponde à diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário. Expressa o valor que a atividade econômica acrescenta aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo.

**Gráfico 3 - Participação dos segmentos do comércio por atacado  
Brasil - 2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Inclusive as retiradas e outras remunerações .

A atividade de comercialização de produtos alimentícios, bebidas e fumo, que abrange as empresas de distribuição (para restaurantes, hotelaria, redes de supermercado) e exportação, configurou-se como a mais importante em termos de número de empresas, ocupação de pessoas e pagamento de salários, retiradas e outras remunerações. Em 2006, 29,4% (32 071) do total de empresas atacadistas exerciam esta atividade, respondendo por 26,2% (296 066) do total de pessoal ocupado e por 18,4% (R\$ 2,8 bilhões) do total de salários, retiradas e outras remunerações. Esta atividade ainda mostrou-se relevante na geração de receita líquida de revenda, participando com 14,3% (R\$ 63,7 bilhões) do total, estando abaixo apenas das empresas que revendiam combustíveis e lubrificantes (Gráfico 3).

Em relação aos indicadores apresentados na Tabela 2, o comércio atacadista de combustíveis apresentou resultados superiores à média de pessoal ocupado por empresa, salário médio e produtividade. Havia 23 pessoas ocupadas por empresa nesta atividade, enquanto a média do comércio por atacado era de 10 pessoas. Os indicadores de salário médio e produtividade destas empresas foram, respectivamente, 8,6 salários mínimos mensais e R\$ 168 199, enquanto para o total do segmento estes mesmos indicadores foram 3,0 salários mínimos mensais e R\$ 46 292. Por outro lado, a taxa de margem de comercialização de 7,1% foi a menor dentre as atividades do comércio atacadista. As empresas revendedoras de produtos farmacêuticos alcançaram a maior taxa de margem do atacado, 44,0%, enquanto a média do segmento ficou em 19,6% (Tabela 2).

**Tabela 2 - Pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo segmentos do comércio por atacado - Brasil - 2006**

Segmentos do comércio por atacado	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>3,0</b>	<b>46 292</b>	<b>19,6</b>
Produtos farmacêuticos	12	4,0	76 389	44,0
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	9	2,1	26 161	22,2
Produtos agropecuários <i>in natura</i>	14	2,3	39 467	15,8
Combustíveis e lubrificantes	23	8,6	168 199	7,1
Produtos químicos	11	4,1	72 639	22,7
Máquinas e equipamentos	10	4,4	64 622	37,2
Material de construção	11	2,3	35 381	32,5
Mercadorias em geral	15	2,6	35 397	17,2
Outros	8	2,5	33 944	36,6

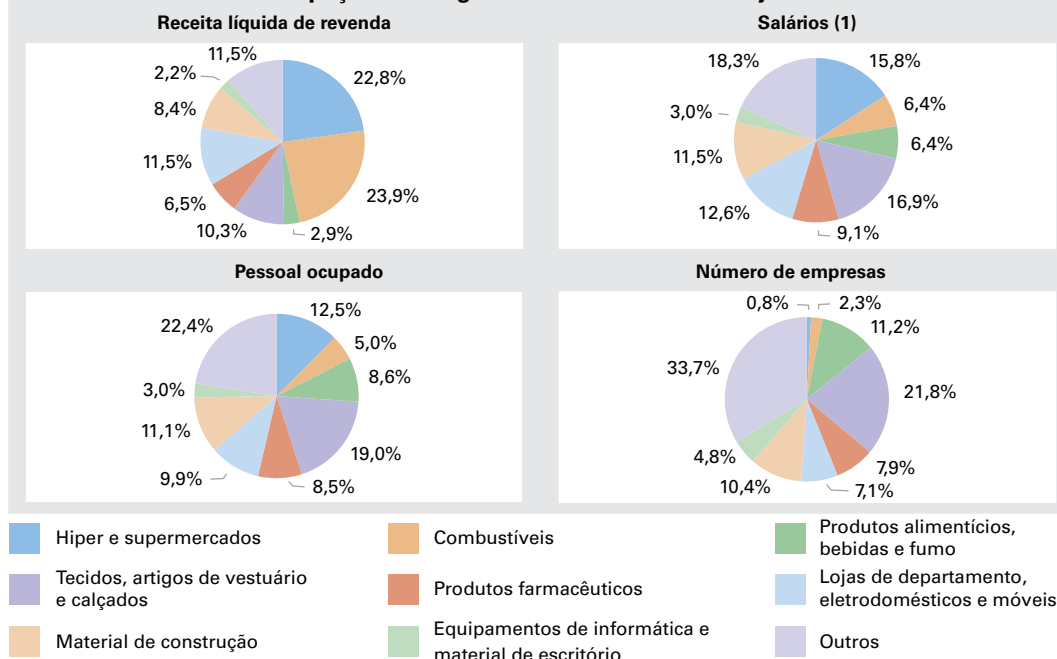
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 4 400. (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado. (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo das mercadorias vendidas.

## Comércio varejista

O comércio varejista passou por transformações nos últimos anos decorrentes da inflação baixa e da absorção de inovações tecnológicas e organizacionais. Em 2006, duas atividades destacaram-se na geração de receita: Combustíveis e lubrificantes e Hipermercados e supermercados. O comércio de combustíveis foi responsável por 23,9% da receita líquida de revenda total, gerando R\$ 104,8 bilhões. Por outro lado, não obteve grande expressão no número de empresas (2,3%), pessoal ocupado (5,0%) e pagamento de salários, retiradas e outras remunerações (6,4%), conforme o Gráfico 4.

**Gráfico 4 - Participação dos segmentos do comércio varejista - Brasil - 2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Inclusive as retiradas e outras remunerações.

A atividade de hipermercados e supermercados mostrou-se importante na geração de receita de revenda, assim como na ocupação de pessoal e pagamento de salários, retiradas e outras remunerações. Embora tenha obtido participação pequena no número de empresas, 0,8% (9 808), esta atividade gerou R\$ 100,0 bilhões em receita líquida de revenda, 22,8% do total. O pagamento de salários, retiradas e outras remunerações, R\$ 6,3 bilhões, correspondeu a 15,8% do total e o número de pessoas ocupadas, 722 590, representou 12,5% do total.

As empresas de hipermercados e supermercados ocuparam em média 74 pessoas, enquanto para o varejo a média foi 5 pessoas. O salário médio mensal pago por esta atividade, 2,0 salários mínimos, também ficou acima da média do varejo (1,6 salário mínimo). O comércio varejista de combustíveis e lubrificantes, em 2006, foi o mais produtivo do segmento, com uma média de R\$ 34 004 de valor adicionado por trabalhador, contra uma média de R\$ 14 069 para o total. O varejo de combustíveis e lubrificantes ainda apresentou resultados acima da média total para o salário médio mensal (2,0 salários mínimos) e média de pessoal ocupado por empresa (10 pessoas ocupadas por empresa). Em relação à margem de comercialização, este comércio apresentou a menor taxa (14,2%), dentre as empresas varejistas, cuja taxa de margem foi 33,2%. O comércio de tecidos, artigos do vestuário e calçados gerou a maior taxa de margem, 70,4% (Tabela 3).

**Tabela 3 - Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo segmentos do comércio varejista - Brasil - 2006**

Segmentos do comércio varejista	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>1,6</b>	<b>14 069</b>	<b>33,2</b>
Hiper e supermercados	74	2,0	16 553	23,7
Combustíveis e lubrificantes	10	2,0	34 004	14,2
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	4	1,2	7 371	62,5
Tecidos, artigos do vestuário e calçados	4	1,4	11 755	70,4
Produtos farmacêuticos	5	1,7	13 146	42,8
Lojas de departamento, eletrodomésticos e móveis (4)	6	2,0	19 134	41,0
Material de construção	5	1,6	12 691	38,2
Equipamentos de informática e material de escritório	3	1,6	19 079	48,7
Outros	3	1,3	10 850	51,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2006.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 4 400. (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado. (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo das mercadorias vendidas. (4) Neste segmento foram agregados três classes de atividades: Comércio não-especializado sem predominância de produtos alimentícios; Máquinas e aparelhos de uso doméstico e pessoal, discos, instrumentos musicais, etc.; e Móveis, artigos de iluminação e outros artigos de residência.

## As grandes empresas do setor comercial - 2000/2006

O objetivo desta seção é analisar as características estruturais e de desempenho econômico das grandes empresas do comércio em dois pontos do tempo: 2000 e 2006. O foco da análise na grande empresa visa a explorar o potencial analítico propiciado pelas informações levantadas pela PAC.

Foi adotado como critério para definir grande empresa o número de pessoal ocupado, sendo considerada grande toda empresa com 250 ou mais pessoas ocupadas<sup>10</sup>. Os dados das grandes empresas serão analisados por divisão do comércio e para o total Brasil e Grandes Regiões.

Em 2006, havia no Brasil 1 066 empresas grandes no setor comercial, respondendo por 0,1% do total, proporção que foi a mesma em 2000. Estas empresas geraram, em 2006, R\$ 382,6 bilhões em receita operacional líquida, correspondendo a 35,9% do total, enquanto, em 2000, 34,4% da receita provinha das empresas grandes. A participação das grandes empresas na margem de comercialização, que representa o resultado obtido pelos esforços de vendas das empresas, diminuiu de 30,9%, em 2000, para 30,1%, em 2006, resultado este que deve-se ao desempenho do atacado e do varejo, cuja participações caíram de 33,7% e 32,8% respectivamente, em 2000, para 31,8% e 32,0%, em 2006 (Tabela 4).

**Tabela 4 - Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas no total das empresas comerciais por receita operacional líquida, margem de comercialização, salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado e número de empresas, segundo segmentos do comércio - Brasil - 2000/2006**

Segmentos do comércio	Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas no total das empresas comerciais (%)									
	Receita operacional líquida		Margem de comercialização (1)		Salários, retiradas e outras remunerações		Pessoal ocupado		Número de empresas	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Total</b>	<b>34,4</b>	<b>35,9</b>	<b>30,9</b>	<b>30,1</b>	<b>26,5</b>	<b>26,3</b>	<b>14,2</b>	<b>16,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>
Veículos, peças e motocicletas	9,1	17,8	10,2	15,7	9,9	14,2	4,4	7,5	0,1	0,1
Atacado	44,9	45,5	33,7	31,8	31,7	32,1	17,6	21,9	0,2	0,3
Varejo	32,9	32,4	32,8	32,0	27,6	26,2	14,6	16,0	0,1	0,1

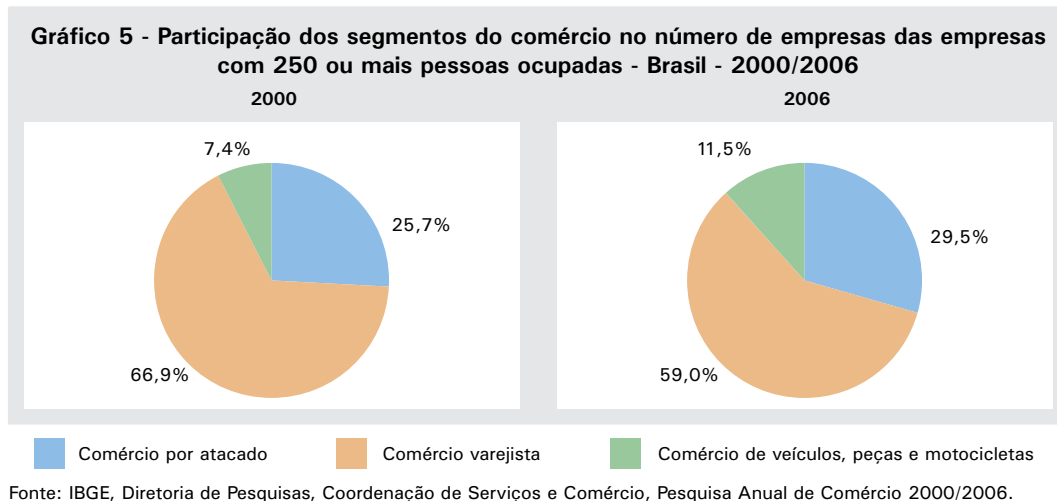
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

(1) Valores calculados pela subtração do custo da mercadoria vendida da receita líquida de revenda.

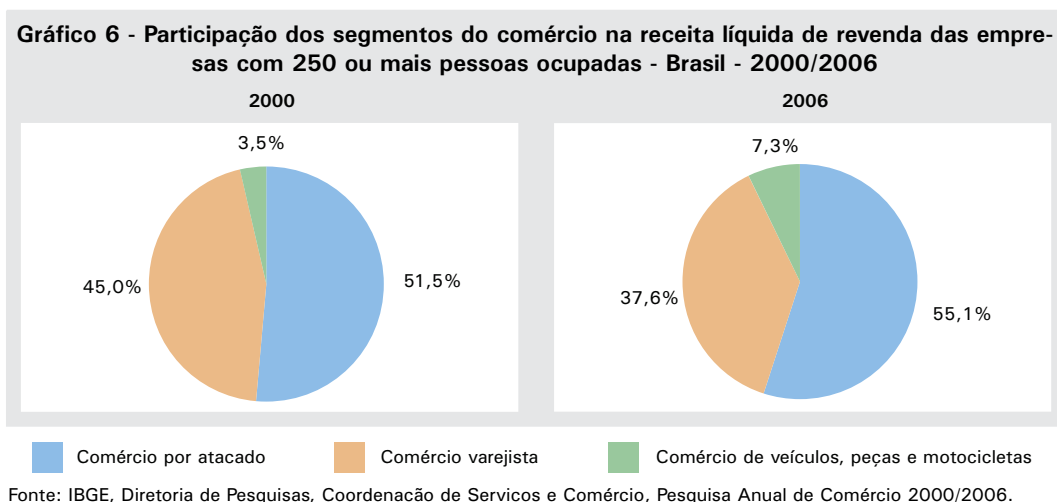
As grandes empresas aumentaram em 1,9 ponto percentual a participação no pessoal ocupado entre 2000 e 2006, alcançando 1 221 mil empregados (16,1% do total). A participação das grandes empresas nos salários, retiradas e remunerações permaneceu estável no período, 26,5%, em 2000, e 26,3%, em 2006, como mostra a Tabela 4. Em 2006, foram pagos em salários, retiradas e outras remunerações R\$ 16,2 bilhões pelas grandes empresas comerciais. O aumento da participação das grandes empresas no número de pessoal ocupado conjugada com estabilidade desta participação nos salários, retiradas e outras remunerações indica que houve queda no salário médio dos trabalhadores das grandes empresas entre 2000 e 2006.

<sup>10</sup> Na PAC são adotadas seis faixas de pessoal ocupado: até 19 pessoas ocupadas; de 20 a 49 pessoas ocupadas; de 50 a 99 pessoas ocupadas; de 100 a 249 pessoas ocupadas; de 250 a 499 pessoas ocupadas; e 500 ou mais pessoas ocupadas. Porém, visando a uma comparabilidade internacional, o critério adotado para definir grande empresa segue o proposto pelo Eurostat e ONU, com base na Recomendação 2003/361/CE, de 20.05.2003, da Comissão das Comunidades Europeias, pela qual, para fins legais, toda empresa com 250 ou mais empregados é considerada grande (COMISSÃO..., 2003).

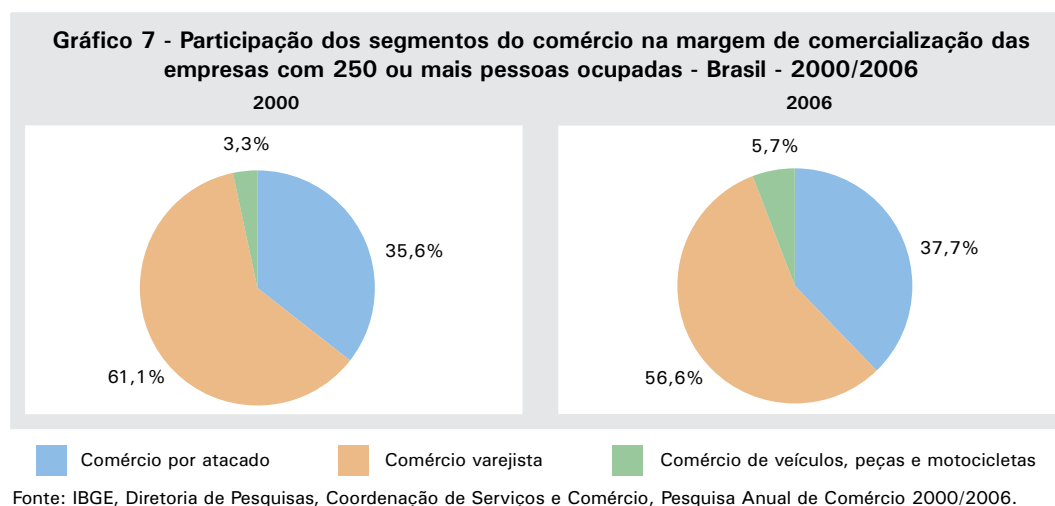
De acordo com o Gráfico 5, o comércio varejista foi a atividade com maior número de grandes empresas nos dois anos, embora tenha perdido participação. Em 2000, 66,9% das grandes empresas comerciais eram varejistas, caindo para 59,0%, em 2006. Hipermercados e supermercados foi a atividade com maior participação no número de grandes empresas varejistas, 41,7%, em 2000, e 44,4%, em 2006. Comércio de veículos, peças e motocicletas obteve o maior aumento percentual no número de grandes empresas (4,1 pontos percentuais), passando de 7,4%, em 2000, para 11,5%, em 2006 .



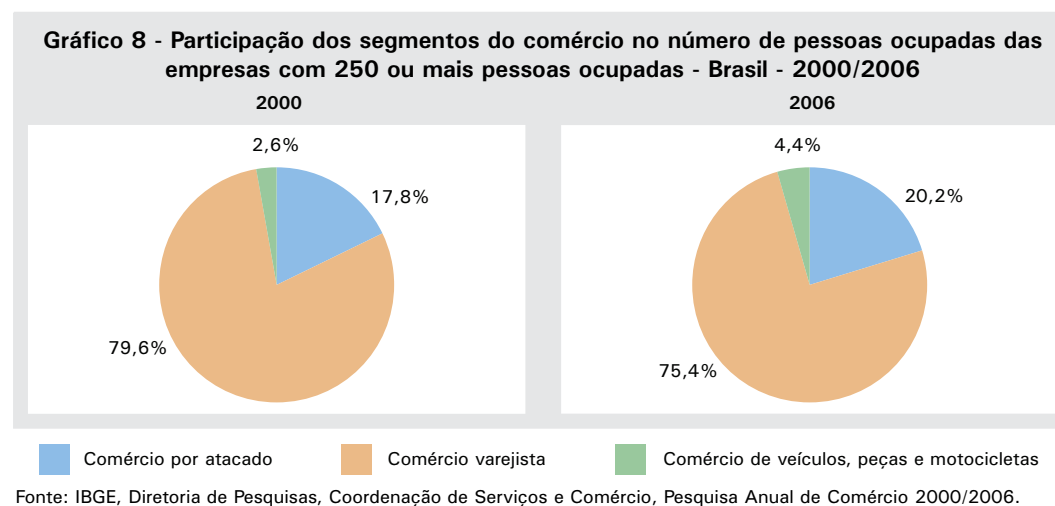
As grandes empresas do comércio atacadista foram as que geraram maior receita líquida de revenda no período, aumentando a participação de 51,5%, em 2000, para 55,1%, em 2006. Dentre as atividades atacadistas, as grandes empresas do comércio de combustíveis e lubrificantes destacaram-se com a maior participação na receita líquida de revenda, em ambos os anos, embora esta tenha caído de 60,1%, em 2000, para 56,2%, em 2006. As grandes empresas do comércio varejista perderam participação no total da receita, passando de 45,0%, em 2000, para 37,6%, em 2006 (Gráfico 6).



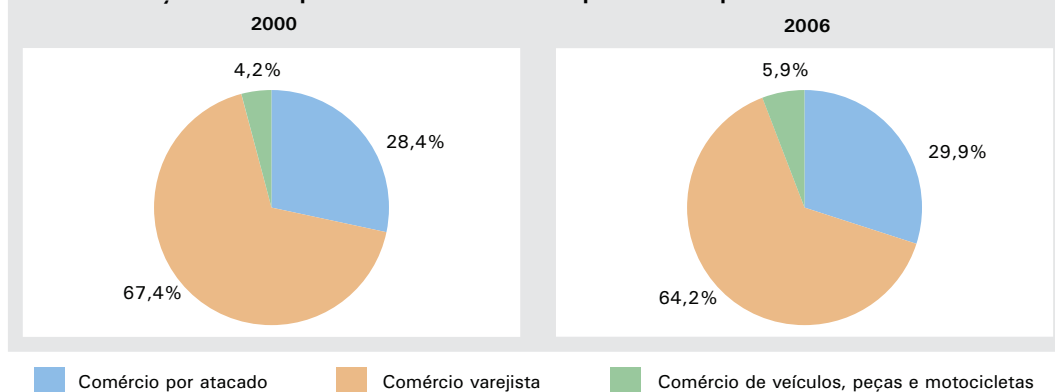
Em relação à margem de comercialização, destacaram-se as grandes empresas varejistas, apesar de terem perdido 4,5 pontos percentuais de participação, respondendo, em 2006, por 56,6%. Hipermercados e supermercados foi a atividade com maior participação na margem de comercialização do varejo, 49,2%, em 2000, e 40,7%, em 2006. O comércio de veículos, peças e motocicletas ganhou maior representatividade, 2,4 pontos percentuais, correspondendo a 5,7%, em 2006 (Gráfico 7).



A estrutura das grandes empresas no total de pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações manteve-se estável. Comércio varejista apesar de ter perdido participação no pessoal ocupado, passando de 79,6%, em 2000, para 75,4%, em 2006, foi o principal empregador. Comércio por atacado registrou um aumento de 2,4 pontos percentuais respondendo, em 2006, por 20,2% (Gráfico 8). Em relação ao pagamento de salários, retiradas e outras remunerações, o comércio varejista foi a principal atividade, embora sua participação tenha caído de 67,4%, em 2000, para 64,2%, em 2006 (Gráfico 9).



**Gráfico 9 - Participação dos segmentos do comércio nos salários, retiradas e outras remunerações das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas - Brasil - 2000/2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

As grandes empresas de hipermercados e supermercados foram o destaque entre as atividades varejistas em termos de pessoal ocupado e de pagamento de salários, retiradas e outras remunerações nos dois anos analisados. Em 2000, 53,0% do pessoal das grandes empresas varejistas estavam ocupados nesta atividade, caindo para 49,6%, em 2006. Esta atividade respondia, ainda, por 47,5% dos salários, retiradas e outras remunerações das grandes varejistas, em 2000, e por 42,3%, em 2006.

De acordo com a Tabela 5, o porte das grandes empresas por pessoal aumentou no período, passando de 1 084 pessoas ocupadas por empresa, em 2000, para 1 145, em 2006. As grandes empresas varejistas destacaram-se com a maior média de pessoal ocupado, 1 290, em 2000, e 1 464, em 2006. No comércio varejista não-especializado

**Tabela 5 - Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio, taxa de margem de comercialização, receita média, gastos com pessoal por valor adicionado e valor adicionado por valor bruto de produção das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas, segundo segmentos do comércio - Brasil - 2000/2006**

Segmentos do comércio	Média de pessoal ocupado por empresa		Salário médio (em salários mínimos) (1)		Taxa de margem de comercialização (%) (2)	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Total</b>	<b>1 084</b>	<b>1 145</b>	<b>4,7</b>	<b>3,0</b>	<b>21,2</b>	<b>20,1</b>
Veículos, peças e motocicletas	388	432	7,6	4,1	19,8	15,2
Atacado	747	785	7,6	4,5	14,0	13,2
Varejo	1 290	1 464	4,0	2,6	30,7	32,5

Segmentos do comércio	Receita média (1 000 R\$) (3)		Gasto com pessoal por valor adicionado (%) (4)		Valor adicionado por valor bruto de produção (%)	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Total</b>	<b>215 082</b>	<b>358 125</b>	<b>67,4</b>	<b>61,7</b>	<b>54,6</b>	<b>54,1</b>
Veículos, peças e motocicletas	102 906	225 974	64,7	51,9	56,9	59,3
Atacado	429 794	669 846	59,3	48,2	52,5	52,0
Varejo	144 806	228 354	71,9	72,7	55,6	55,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 1 903 para 2 000 e R\$ 4 400 para 2006. (2) Valores correntes calculados pela divisão da margem de comercialização pelos custos das mercadorias vendidas. (3) Valores correntes calculados pela divisão da receita operacional líquida pelo número de empresas. (4) Inclui-se no gasto com pessoal os salários e outras remunerações, participação no lucro, retiradas pró-labore, contribuição para previdência social e privada, FGTS, indenização por dispensa e benefícios concedidos aos empregados.

sem predominância de produtos alimentícios, que inclui as lojas de departamento e bazares, encontravam-se as maiores empresas do varejo, em termos de pessoal ocupado, com uma média de 2 042, em 2000, e 2 162, em 2006.

O salário médio por trabalhador das grandes empresas diminuiu, entre 2000 e 2006, passando de 4,7 salários mínimos mensais para 3,0. O comércio por atacado apresentou as maiores médias salariais, embora esta tenha diminuído de 7,6 salários mínimos, em 2000, para 4,5, em 2006. As grandes empresas atacadistas de combustíveis e lubrificantes destacaram-se no pagamento de salários no atacado, em 2000: cada trabalhador recebia em média 13,9 salários mínimos mensais, caindo para 12,4 salários mínimos, em 2006.

A taxa de margem de comercialização das grandes empresas comerciais diminuiu de 21,2%, em 2000, para 20,1%, em 2006. O comércio varejista destacou-se com as maiores taxas de margem nos dois anos, 30,7%, em 2000, e 32,5%, em 2006.

Em termos de receita média, as grandes empresas atacadistas foram as de maior porte, ficando acima da receita média do total das empresas comerciais. A receita média das grandes empresas do atacado, em 2000, foi de R\$ 429,8 milhões, contra uma média de R\$ 215,1 milhões para o total e, em 2006, a receita média no atacado foi de R\$ 669,8 milhões, contra uma média de R\$ 358,1 milhões para o total. O comércio de combustíveis e lubrificantes foi a atividade atacadista de maior receita média, R\$ 2 873 milhões, em 2000, e R\$ 6 845 milhões, em 2006.

O custo do trabalho<sup>11</sup> das grandes empresas diminuiu de 67,4%, em 2000, para 61,7%, em 2006. O comércio atacadista foi a atividade com menor custo do trabalho, diminuindo o gasto com pessoal ocupado por valor adicionado de 59,3%, em 2000, para 48,2%, em 2006. Neste segmento, as grandes empresas atacadistas de combustíveis e lubrificantes destacaram-se com o menor custo do trabalho nos dois anos, passando de 43,0%, em 2000, para 36,0%, em 2006.

A razão entre valor adicionado e valor bruto da produção mede o quanto uma atividade gera de renda através da venda de uma unidade de produto ou serviço. As grandes empresas do comércio diminuíram esse fluxo de recursos em bens e serviços gerados ao longo do período, passando de 54,6%, em 2000, para 54,1%, em 2006.

Dentre os segmentos do comércio, as grandes empresas de veículos, peças e motocicletas foram as que mais adicionaram valor por unidade produzida, 56,9%, em 2000, e 59,3%, em 2006. Em relação às atividades do comércio, o destaque foi o comércio atacadista de vestuário e complementos, onde a participação do valor adicionado no valor bruto de produção das grandes empresas foi de 73,0%, em 2000, e 81,0%, em 2006.

Nos dois anos analisados, a produtividade das empresas grandes foi superior à das empresas pequenas e médias, conforme mostra a Tabela 6. O comércio por atacado foi a atividade mais produtiva, tanto para as pequenas e médias empresas quanto para as grandes. Cada trabalhador das grandes empresas atacadistas gerou R\$ 39 197 de valor adicionado, em 2000, e R\$ 63 383, em 2006. Dentre as atividades do atacado, o destaque foi o comércio de combustíveis e lubrificantes, cuja produtividade foi de R\$ 116,0 mil, em 2000, e R\$ 241,3 mil, em 2006.

<sup>11</sup> O custo do trabalho corresponde à divisão do gasto com pessoal pelo valor adicionado. Expressa a porcentagem que o gasto com pessoal representa no valor adicionado, sendo uma medida da contribuição do trabalho assalariado na renda gerada no setor.

**Tabela 6 - Produtividade por total de empresas comerciais, empresas pequenas e médias e grandes empresas, segundo segmentos do comércio - Brasil - 2000/2006**

Segmentos do comércio	Produtividade por total de empresas comerciais (1)					
	Total de empresas comerciais		Pequenas e médias empresas (2)		Grandes empresas (3)	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Total</b>	<b>11 074</b>	<b>20 228</b>	<b>9 457</b>	<b>17 794</b>	<b>20 860</b>	<b>32 947</b>
Veículos, peças e motocicletas	14 825	28 754	13 983	26 812	33 316	52 813
Atacado	23 166	46 292	19 750	41 511	39 197	63 383
Varejo	8 405	14 069	7 040	12 246	16 355	23 649

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

(1) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoas ocupadas. (2) Empresas comerciais com até 249 pessoas ocupadas. (3) Empresas comerciais com 250 ou mais pessoas ocupadas.

## As grandes empresas do comércio nas Grandes Regiões brasileiras – 2000/2006

O conjunto de informações produzidos pela PAC permite analisar o comportamento das grandes empresas comerciais em cada região do País, para a receita bruta de revenda, salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado e número de estabelecimentos<sup>12</sup>. A literatura econômica tem se dedicado ao tema de distribuição regional das atividades econômicas e da renda no Brasil, dado que historicamente estas estiveram muito concentradas na Região Sudeste. FERREIRA (1996) e AZZONI (1997) reuniram evidências de um processo de desconcentração ao longo da segunda metade do Século XX, tornando a distribuição espacial da atividade econômica mais próxima da distribuição espacial da população. Recentemente políticas de desenvolvimento regional<sup>13</sup> e de transferência de renda<sup>14</sup> têm contribuído para uma maior dispersão da atividade econômica pelo território brasileiro.

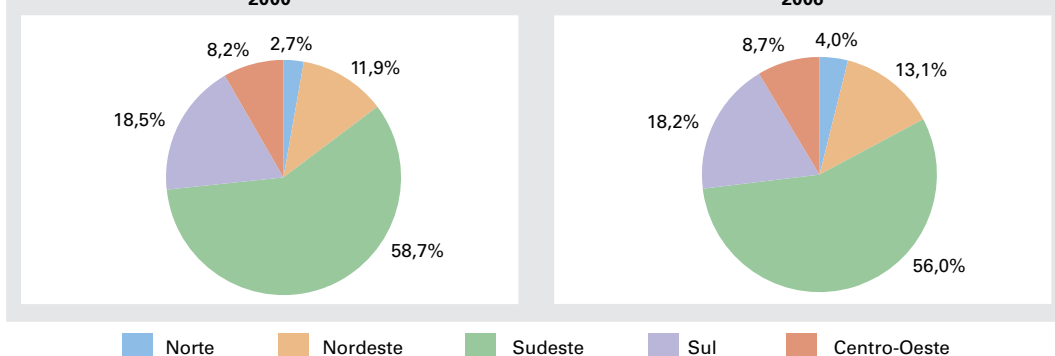
A atividade das grandes empresas comerciais brasileiras esteve concentrada na Região Sudeste, em 2000 e 2006, embora os resultados apontem diminuição de participação desta região. Em 2000, 58,7% da receita bruta de revenda das grandes empresas comerciais foi gerada na região, participação que caiu para 56,0%, em 2006. Norte e Nordeste foram as Regiões com maiores aumento de participação na receita, 1,3 e 1,2 ponto percentual, respectivamente. O Norte passou de 2,7% do total, em 2000, para 4,0%, em 2006, enquanto o Nordeste passou de 11,9% para 13,1%, no mesmo período (Gráfico 10).

<sup>12</sup> O capítulo de dados regionalizados da PAC fornece informações por Unidade da Federação de atuação da empresa. As variáveis investigadas são: pessoal ocupado em 31 de dezembro de 2006; salários, retiradas e outras remunerações; número de estabelecimentos comerciais; e receita bruta de revenda. Isto significa que, apesar da unidade de investigação da pesquisa ser a empresa, a regionalização dos dados permite uma análise por região, independente da localização da sede da empresa.

<sup>13</sup> Dentre as políticas de redução de desigualdade regional implementadas pelo Governo Federal no período, destacaram-se: os Fundos Constitucionais de Financiamento para as Regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte; os Fundos Fiscais de Investimento para as Regiões Norte e Nordeste; os Fundos de Desenvolvimento da Amazônia e do Nordeste; e incentivos fiscais através da redução do imposto de renda para empreendimentos em setores econômicos prioritários nas Regiões Norte e Nordeste. Todas estas políticas ficaram a cargo do Ministério da Integração Nacional.

<sup>14</sup> O principal programa de transferência de renda no período foi o Programa Bolsa Família -PBF, instituído em 2003, tendo como meta unificar, em um único programa, os diversos programas de transferência de renda existentes: Bolsa Escola, Programa Nacional de Acesso à Alimentação, Bolsa Alimentação (implementados em 2001) e Auxílio-Gás (implementado em 2002). O PBF teve impacto na redução das desigualdades regionais dado que as regiões mais carentes foram as mais beneficiadas, devido ao caráter focalizado da política (MINISTÉRIO..., 2007). A título de exemplo, em 2006, Norte e Nordeste respondiam por 9,3% e 49,6% dos beneficiados pelo PBF, respectivamente (MINISTÉRIO..., 2007), e participavam com 8,0% e 27,6% da população brasileira (ESTIMATIVAS..., 2006)

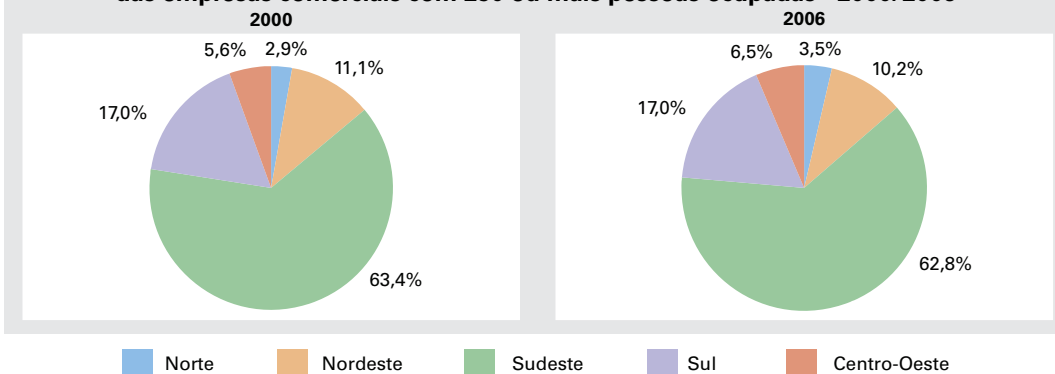
**Gráfico 10 - Participação das Grandes Regiões na receita bruta de revenda das empresas comerciais com 250 ou mais pessoas ocupadas - 2000/2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

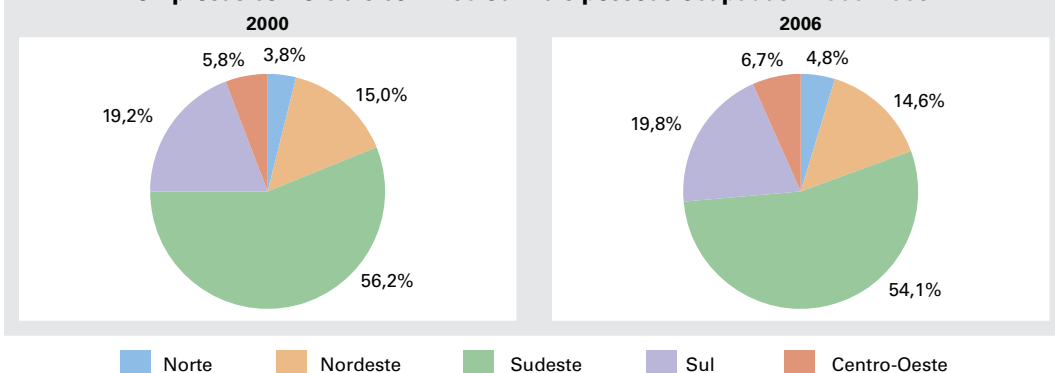
Analisando a massa de salários, retiradas e outras remunerações paga pelas grandes empresas, verifica-se que o Sudeste perdeu representatividade, passando de 63,4%, em 2000, para 62,8%, em 2006. A Região Centro-Oeste, em contrapartida, aumentou sua participação em 0,9 ponto percentual, correspondendo a 6,5% do total, em 2006 (Gráfico 11). Em relação ao pessoal ocupado, a Região Sudeste perdeu 2,1 pontos percentuais de participação, respondendo, em 2006, por 54,1%. A região com maior aumento de participação foi a Centro-Oeste, saindo de 5,8%, em 2000, para 6,7%, em 2006 (Gráfico 12).

**Gráfico 11 - Participação das Grandes Regiões nos salários, retiradas e outras remunerações das empresas comerciais com 250 ou mais pessoas ocupadas - 2000/2006**



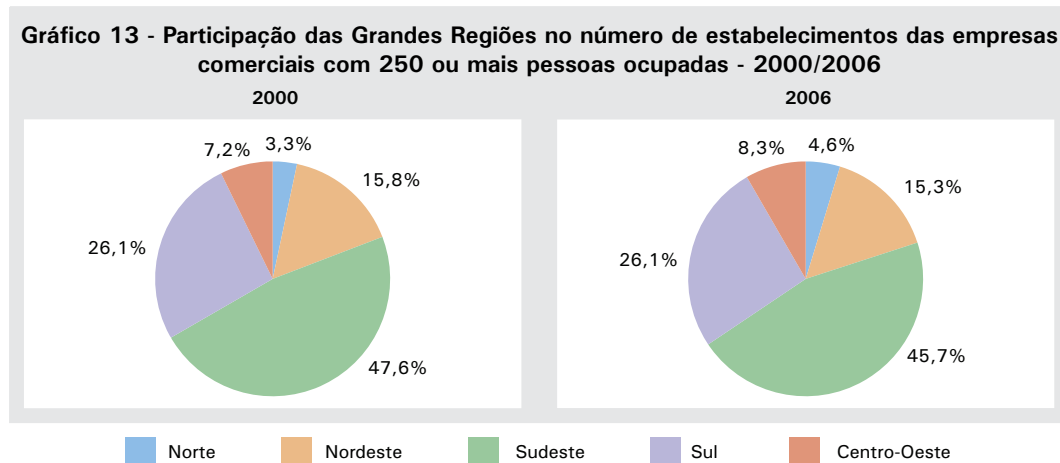
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

**Gráfico 12 - Participação das Grandes Regiões no número de pessoas ocupadas das empresas comerciais com 250 ou mais pessoas ocupadas - 2000/2006**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

A perda de participação da Região Sudeste no número de estabelecimentos com receita de revenda (de 47,6%, em 2000, para 45,7%, em 2006) contrastou com o aumento de participação das demais regiões. A Norte registrou o maior acréscimo de estabelecimentos, 1,3 ponto percentual, representando 4,6% do total, em 2006 (Gráfico 13).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

Analisando a distribuição das atividades do comércio, observou-se que as grandes empresas do comércio de veículos, peças e motocicletas e do comércio por atacado ganharam participação na receita bruta de revenda em todas as regiões, em detrimento daquelas do varejo que perderam participação. A Região Nordeste destacou-se com os maiores ganhos de participação para o comércio de veículos, peças e motocicletas e comércio por atacado, 4,2 e 4,5 pontos percentuais, respectivamente (Tabela 7).

**Tabela 7 - Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas, por receita bruta de revenda, pessoal ocupado, salários, retiradas e outras remunerações e estabelecimentos com receita de revenda, segundo Grandes Regiões e segmentos do comércio - 2000/2006**

Grandes Regiões e segmentos do comércio	Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas (%)							
	Receita bruta de revenda		Pessoal ocupado		Salários, retiradas e outras remunerações		Estabelecimentos com receita de revenda	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Norte</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Veículos, peças e motocicletas	0,8	3,6	0,8	3,3	1,5	4,6	2,1	5,4
Atacado	58,5	58,6	13,2	13,8	25,3	24,7	30,6	19,5
Varejo	40,7	37,8	86,0	82,9	73,2	70,7	67,3	75,1
<b>Nordeste</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Veículos, peças e motocicletas	0,7	4,9	0,4	2,5	0,8	3,5	0,8	2,9
Atacado	48,4	52,9	12,5	15,7	21,5	24,6	10,2	11,5
Varejo	50,9	42,2	87,1	81,8	77,7	71,9	89,0	85,6
<b>Sudeste</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Veículos, peças e motocicletas	3,6	7,4	3,0	4,7	4,4	5,9	5,1	7,3
Atacado	47,5	49,8	17,3	18,7	28,5	30,1	11,5	15,0
Varejo	48,9	42,8	79,7	76,6	67,1	64,0	83,4	77,7
<b>Sul</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Veículos, peças e motocicletas	3,2	5,3	2,4	3,0	4,2	5,1	3,1	4,2
Atacado	52,2	54,5	22,8	28,5	30,2	32,6	23,4	25,4
Varejo	44,6	40,2	74,8	68,5	65,6	62,3	73,5	70,4
<b>Centro-Oeste</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Veículos, peças e motocicletas	6,2	8,8	6,7	10,1	10,2	12,4	6,7	11,8
Atacado	58,4	62,1	22,0	21,8	37,4	32,0	18,9	22,4
Varejo	35,4	29,1	71,3	68,1	52,4	55,6	74,4	65,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

Em termos de salários, retiradas e outras remunerações, comércio de veículos, peças e motocicletas ganhou participação em todas as regiões, com destaque para a Região Norte, onde o aumento foi de 3,1 pontos percentuais. No Centro-Oeste esta atividade apresentou a maior proporção, 10,2% do total, em 2000, e 12,4%, em 2006. As grandes empresas atacadistas aumentaram sua participação em todas as regiões, exceto a Norte, onde passou de 25,3%, em 2000, para 24,7%, em 2006, e Centro-Oeste onde diminuiu de 37,4%, em 2000, para 32,0%, em 2006. O comércio varejista perdeu participação em quase todas as regiões. A Centro-Oeste, com um aumento de 3,2 pontos percentuais, foi a exceção (Tabela 7).

O comércio de veículos, peças e motocicletas aumentou sua participação no número de pessoal ocupado em todas as regiões, com destaque para a Centro-Oeste, na qual o aumento foi de 3,4 pontos percentuais, respondendo por 10,1% do total, em 2006. Comércio por atacado também ganhou participação em todas regiões, exceto na Centro-Oeste onde permaneceu estável. Comércio varejista perdeu participação em todas as regiões, embora permanecesse como a atividade que mais ocupou pessoal, com destaque para o Nordeste, onde 81,8% do pessoal ocupado era desta atividade, em 2006 (Tabela 7).

A participação do comércio de veículos, peças e motocicletas no número de estabelecimentos aumentou em todas as regiões, enquanto a do comércio varejista diminuiu, com exceção da Região Norte, onde a proporção de estabelecimentos varejistas aumentou de 67,3%, em 2000, para 75,1%, em 2006. O comércio por atacado aumentou sua participação em todas as regiões, exceto na Região Norte onde esta atividade perdeu 11,1 pontos percentuais, absorvendo 19,5% do total, em 2006 (Tabela 7).

O salário médio mensal dos trabalhadores é um indicador que permite avaliar as disparidades regional e setorial em relação à remuneração do trabalho. Para as grandes empresas comerciais, o salário médio mensal diminuiu em todas as regiões e em todas as atividades. Sudeste, região cuja remuneração mensal média do trabalhador foi a mais alta nos dois anos, registrou a maior queda, passando de 5,4 salários mínimos, em 2000, para 3,5, em 2006. Por outro lado, as perdas salariais no Norte e Nordeste, regiões com os salários médios mais baixos, foram as menores no período, 1,3 e 1,4 salário mínimo, respectivamente (Tabela 8). Estes resultados indicam que houve uma diminuição da desigualdade regional do salário dos trabalhadores das grandes empresas comerciais entre 2000 e 2006.

**Tabela 8 - Salário médio mensal das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas, segundo Grandes Regiões e segmentos do comércio - 2000/2006**

Grandes Regiões e segmentos do comércio	Salário médio mensal das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas (em salários mínimos) (1)	
	2000	2006
<b>Norte</b>	<b>3,5</b>	<b>2,2</b>
Veículos, peças e motocicletas	6,1	3,1
Atacado	6,7	3,9
Varejo	3,0	1,9
<b>Nordeste</b>	<b>3,5</b>	<b>2,1</b>
Veículos, peças e motocicletas	6,8	2,9
Atacado	6,0	3,3
Varejo	3,1	1,9
<b>Sudeste</b>	<b>5,4</b>	<b>3,5</b>
Veículos, peças e motocicletas	7,8	4,4
Atacado	8,8	5,6
Varejo	4,5	2,9
<b>Sul</b>	<b>4,2</b>	<b>2,6</b>
Veículos, peças e motocicletas	7,3	4,4
Atacado	5,6	3,0
Varejo	3,7	2,4
<b>Centro-Oeste</b>	<b>4,6</b>	<b>2,9</b>
Veículos, peças e motocicletas	7,0	3,6
Atacado	7,9	4,3
Varejo	3,4	2,4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 1 903 para 2 000 e R\$ 4 400 para 2006.

As grandes empresas do comércio por atacado pagaram os maiores salários em todas as regiões, em 2000 e 2006, exceto no Sul, onde comércio de veículos, peças e motocicletas destacou-se nos dois anos, e Nordeste onde, em 2000, o comércio de veículos, peças e motocicletas apresentou os maiores salários. O comércio atacadista do Sudeste registrou o maior salário médio mensal das grandes empresas comerciais, 8,8 salários mínimos, em 2000, e 5,6, em 2006. O comércio varejista, embora tenha a menor média salarial, foi a atividade cuja remuneração sofreu a menor queda em todas as regiões (Tabela 8). Estes resultados indicam que a desigualdade setorial em relação ao salário médio das grandes empresas diminuiu no período.

Para a análise regional, além de destacar o desempenho econômico das grandes empresas do comércio por cada região, também é importante ressaltar a participação das grandes empresas no total do comércio, em relação à receita bruta de revenda, salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado e estabelecimentos com receita de revenda de cada região, em 2000 e 2006.

As grandes empresas comerciais aumentaram sua participação na receita bruta de revenda, pessoal ocupado e número de estabelecimentos em todas as Grandes Regiões do País, entre 2000 e 2006. No que se refere aos salários, retiradas e outras remunerações, houve diminuição de participação das grandes empresas nas Regiões Nordeste (de 24,5% para 22,8%), Sul (de 23,3% para 22,7%) e Centro-Oeste (de 23,3% para 22,8%), conforme Tabela 9.

**Tabela 9 - Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas no total das empresas comerciais, por receita bruta de revenda de mercadorias, salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado e número de estabelecimentos, segundo Grandes Regiões - 2000/2006**

Grandes Regiões	Participação das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas no total das empresas comerciais (%)							
	Receita bruta de revenda de mercadorias		Salários, retiradas e outras remunerações		Pessoal ocupado		Número de estabelecimentos	
	2000	2006	2000	2006	2000	2006	2000	2006
<b>Total</b>	<b>36,3</b>	<b>37,4</b>	<b>26,5</b>	<b>26,3</b>	<b>14,2</b>	<b>16,1</b>	<b>1,3</b>	<b>1,5</b>
Norte	43,8	45,5	34,7	34,7	24,4	27,8	3,0	4,2
Nordeste	32,8	35,6	24,5	22,8	13,6	14,9	1,2	1,3
Sudeste	38,2	38,5	28,1	28,3	14,9	16,5	1,2	1,5
Sul	32,9	34,2	23,3	22,7	13,1	15,8	1,6	1,7
Centro-Oeste	35,2	37,3	23,3	22,8	10,5	12,3	1,4	1,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2000/2006.

Em termos de receita bruta de revenda, em 2000 e 2006, as regiões cuja participação das grandes empresas no total do comércio ficou acima da média nacional foram as Norte (43,8%, em 2000, e 45,5%, em 2006) e Sudeste (38,2%, em 2000, e 38,5%, em 2006). No outro extremo, o Sul foi a região cujo peso das grandes empresas na receita foi menor (32,9%, em 2000, e 34,2%, em 2006), conforme mostra a Tabela 9.

Norte e Sudeste destacaram-se na massa de salários, retiradas e outras remunerações das grandes empresas comerciais, em 2000 e 2006, com resultados acima da média nacional. No Norte, a participação das grandes empresas permaneceu estável em 34,7% e no Sudeste houve aumento de 28,1% para 28,3%. Por outro lado, no Centro-Oeste a proporção das grandes empresas nos salários, retiradas e outras remunerações passou de 23,3%, em 2000, para 22,8%, em 2006, o menor resultado dentre as regiões brasileiras (Tabela 9).

As grandes empresas do Norte e Sudeste também foram o destaque no total de pessoal ocupado, com proporções acima da média brasileira. Em 2000, as grandes empresas comerciais ocuparam 24,4% do pessoal no Norte, passando para 27,8%, em 2006. No Sudeste esta participação passou de 14,9%, em 2000, para 16,5%, em 2006. No Centro-Oeste, por outro lado, as grandes empresas comerciais tiveram a menor proporção no pessoal ocupado, 10,5%, em 2000, e 12,3%, em 2006 (Tabela 9).

Em termos de estabelecimentos com receita de revenda, as grandes empresas das Regiões Norte e Sul apresentaram participação acima da média brasileira. Os estabelecimentos das grandes empresas representavam 3,0% do total da Região Norte, em 2000, e 4,2%, em 2006. No Sul esta participação foi de 1,6%, em 2000, e 1,7%, em 2006. A proporção das grandes empresas no total de estabelecimentos foi menor no Nordeste, onde passou de 1,2%, em 2000, para 1,3%, em 2006 (Tabela 9).